

EDITORIAL

Alik Wunder
Marcus Novaes

A Revista Linha Mestra n.36 reúne artigos das apresentações orais, rodas de conversa, minicursos e “vivências dissonantes” do 21º Congresso de Leitura, realizado na Universidade Estadual de Campinas entre 10 e 13 de julho de 2018. Celebramos, nesta data, os 40 anos de realização do Congresso de Leitura, que teve sua primeira versão em 1978, em meio a ditadura, como uma dentre as várias lutas pela redemocratização do país, pela liberdade de expressão, pela afirmação da força da palavra no mundo. Muito se passou nestes anos: o COLE transformou-se no principal congresso sobre a leitura no país, muitas pessoas – educadoras, escritores, escritoras, pesquisadoras, professores, gestoras passaram e deixaram suas marcas. Muitas pessoas tiveram o COLE como marca de sua formação acadêmica e profissional. Muitos pensamentos, encontros, afetos e lutas... Para a Associação de Leitura do Brasil é uma luta manter este ritual bianual de encontro, nestes tempos, quando os modos de ação do autoritarismo e do fascismo ganham outras formas, outras vestes e, nos forçam a inventar novas formas de resistir.

Arquitetar um encontro é sempre um desafio. O principal desafio do COLE está em possibilitar um debate sobre a Leitura de forma ampla, interdisciplinar e plural de modo que a expressão literária e poética não sejam pensadas separadamente da ação política. Trouxemos, nesta 21ª versão, o tema das “Leituras Dissonantes” e algumas perguntas: seria possível a leitura de vozes, sons e sentidos em estado de nascença? Como escutar línguas outras onde se pressente que algo brota? Com estas perguntas em mente arquitetamos este encontro com pesquisadoras, escritores, dramaturgas, ilustradores, poetisas, cineastas, educadoras, filósofos, gestoras, indígenas, musicólogas, fotógrafas... Com o desejo de trocar afirmando as diferenças que nos compõe, para que nesta junção heterogênea pudéssemos visualizar, tatear, escutar e sentir forças ainda sem forma. O 21º COLE convidou a pensar com as línguas dissonantes que fertilizam a vida, atentamo-nos para as vozes africanas, afro-brasileiras, indígenas, das mulheres, das crianças, dos velhos, para a língua dos pássaros, das pedras, dos rios que fissuram e rompem barreiras. O que seria uma música dissonante? Poderia ser ouvida não apenas como ruído perturbador, mas também como um som que toca e faz pensar que a música pode ser outra coisa? O que seria uma voz dissonante? Não apenas aquela que destoa de uma ideia de afinação, mas também uma possibilidade de nos darmos conta de que há muitas texturas de vozes, novas vozes, esperando por novas formas de ouvir. Que há vozes não ouvidas, ainda que gritem, justamente por não fazerem coro ao tom homogeneizador e colonizador que impera. O que seria uma palavra dissonante? Não apenas aquela que salta aos olhos como erro ortográfico, dissidência da regra gramatical, garatuja, garrancho. Que seja também a palavra viva, um risco germinal do sentido, insistente palavra que não toca os fatos, mas produz acontecimentos na inventividade contínua da língua. O que seria uma imagem dissonante? Um borrão, um erro, uma distorção do real? A lembrança pueril de um sonho? A imprecisão que convida a inventar? Uma outra visualidade que não deseja a verdade? O risco luminoso, imprevisível e alegre de um vagalume?

O 21º COLE lançando estas perguntas desejou afirmar as dissonâncias na leitura, na educação, na literatura, nas artes, nas escolas, nas bibliotecas, nas universidades, para que suas forças desestabilizadoras inundem nossos modos de pensar, agir, sentir e encontrar... Os textos que compõem este número da Revista Linha Mestra são respostas dos convidados e participantes a esta provocação lançada. Estão compostas em forma de dossiê escritas que nos abrem às vozes dissonantes que nos perfazem e que compõem este vasto mundo.